

capítulo um

Quando eu era pequeno, meu pai costumava me dizer: “Will, você pode escolher a dedo seus amigos e pode meter o dedo no próprio nariz, mas não pode meter o dedo no nariz do seu amigo.” Essa observação me pareceu razoavelmente perspicaz aos 8 anos, mas acabou se mostrando incorreta em alguns aspectos. Pra começar, não é possível escolher a dedo os amigos, ou eu nunca teria acabado com Tiny Cooper.

Tiny Cooper não é a pessoa mais gay do mundo, tampouco é a maior pessoa do mundo, mas acredito que ele possa ser a maior pessoa do mundo que é muito, muito gay, e também a pessoa mais gay do mundo que é muito, muito grande. Tiny é meu melhor amigo desde o quinto ano do ensino fundamental, exceto pelo último semestre, quando ele ficou ocupado descobrindo todo o alcance de sua gayzice, e eu fiquei ocupado com um Grupo de Amigos de verdade pela primeira vez na vida, grupo esse que acabou se tornando um grupo de Nunca Mais Fale Comigo por causa de duas leves transgressões:

1. Depois que um membro do conselho escolar ficou todo irritado com a presença de gays no vestiário, defendi o direito de Tiny Cooper de tanto ser gigante (e, portanto, o melhor da linha ofensiva da bosta do nosso time de futebol americano) quanto gay em uma carta pro jornal da escola, a qual eu, estupidamente, assinei.

2. Esse cara do Grupo de Amigos, chamado Clint, estava falando sobre a carta na hora do almoço e, ao falar dela, me chamou de baitola e eu não sabia o que era um baitola então perguntei: “Como assim?” E ele então me chamou de baitola de novo e, nessa hora, eu mandei ele se foder, peguei minha bandeja e saí da mesa.

O que acho que significa que tecnicamente fui *eu* quem deixou o Grupo de Amigos, embora parecesse o contrário. Sinceramente, nenhum deles jamais pareceu gostar muito de mim, mas eles estavam *por perto*, o que já é alguma coisa. E agora não estão mais, deixando-me totalmente desprovido de companhia social.

Isto é, a menos que se conte Tiny. O que suponho que eu deva fazer.

E/porém/portanto, algumas semanas depois de voltarmos das férias de Natal no terceiro ano, estou sentado em meu Lugar Marcado na aula de pré-cálculo quando Tiny entra em seu passo de valsa, vestido com a camisa do time enfiada para dentro da calça cáqui, embora a temporada de futebol já tenha acabado há muito tempo. Todos os dias, Tiny consegue, milagrosamente, se fazer caber na carteira ao lado da minha na sala de pré-cálculo e, todos os dias, fico espantado que ele consiga fazer isso.

Então, Tiny se espreme na cadeira, fico devidamente espantado, e ele se vira para mim e sussurra bem alto porque secretamente quer que as outras pessoas escutem: “Estou *apaixonado*.” Reviro os olhos, porque ele se apaixona de

hora em hora por algum pobre garoto. Todos eles parecem iguais: magricelas, suarentos e bronzeados, sendo esse último aspecto uma abominação, porque todos os bronzeados de Chicago em fevereiro são falsos, e garotos que se bronzeariam artificialmente — não estou nem aí se são gays ou não — são ridículos.

— Você é tão cínico — diz Tiny, agitando a mão na minha direção.

— Não sou cínico, Tiny — respondo. — Sou prático.

— Você é um robô — continua ele. Tiny acha que sou incapaz do que os humanos chamam de emoção porque não choro desde meu aniversário de 7 anos, quando vi o filme *Todos os cães merecem o céu*. Suponho que eu devesse saber pelo título que o final não seria feliz, mas, em minha defesa, eu tinha 7 anos. De qualquer forma, desde então, não chorei nunca mais. Eu não entendo muito bem qual é o *sentido* de chorar. Além disso, acho que chorar é quase — assim, exceto em caso de morte de parentes ou coisa parecida — totalmente evitável, se você seguir duas regras muito simples: 1. Não se importar muito com nada. 2. Calar a boca. Todas as coisas ruins que já me aconteceram derivaram do não cumprimento de uma dessas regras.

— Sei que é amor de verdade porque *sinto* — diz Tiny.

Aparentemente a aula começou sem que percebêssemos, porque o Sr. Applebaum, que ostensivamente nos ensina pré-cálculo, mas que principalmente me ensina que a dor e o sofrimento devem ser suportados estoicamente, pergunta:

— Sente o quê, Tiny?

— Amor! — responde Tiny. — Eu sinto o amor.

E todos se viram e riem ou resmungam diante da resposta de Tiny, e como estou sentado ao lado dele, que é meu melhor e único amigo, estão rindo e resmungando para mim também, e essa é precisamente a razão por que eu não escolheria Tiny Cooper como meu amigo. Ele chama atenção demais. Além disso, tem uma incapacidade patológica de seguir minhas duas regras. E assim ele anda por aí com passos de valsa, dando importância demais às coisas e falando sem parar, e então ficando desorientado quando o mundo caga na cabeça dele. E, naturalmente, por causa da mera proximidade, isso significa que o mundo caga na minha cabeça também.

Depois da aula, estou olhando meu armário e me perguntando como consegui deixar *A letra escarlata* em casa, quando Tiny se aproxima com seus amigos da Aliança Gay-Hétero, Gary (que é gay) e Jane (que pode ou não ser — nunca perguntei), e me diz:

— Parece que todo mundo está pensando que me declarei pra você em pré-cálculo. Eu, apaixonado por Will Grayson. Não é a maior idiotice que você já ouviu?

— Maravilha — digo.

— As pessoas são tão idiotas — afirma Tiny. — Como se houvesse alguma coisa errada em estar apaixonado.

Então Gary solta um resmungo. Se a gente pudesse escolher os amigos, eu consideraria Gary. Tiny se tornou próximo de Gary, Jane e do namorado de Gary, Nick, quando se afiliou à AGH durante meu período como membro do Grupo de Amigos. Eu mal conheço Gary, já que só voltei a andar com Tiny há duas semanas mais ou menos, mas ele parece a pessoa mais normal com quem Tiny já fez amizade.

— Tem uma diferença — observa Gary —, entre estar apaixonado e anunciar isso no meio da aula de pré-cálculo.

Tiny começa a falar, mas Gary o corta.

— Quero dizer, não me entenda mal. Você tem todo o direito de estar apaixonado por Zach.

— Billy — corrige Tiny.

— Espere aí, o que aconteceu com Zach? — pergunto, porque podia jurar que Tiny estava apaixonado por Zach na aula de pré-cálculo. Mas 47 minutos haviam se passado desde sua declaração pública, então talvez ele já tenha andado com a fila. Tiny já teve uns 3.900 namorados — metade deles eram virtuais.

Gary, que parece tão desorientado pelo surgimento de Billy quanto eu, se encosta no armário e bate a cabeça devagar no aço.

— Tiny, o fato de você agir como um galinha não ajuda em nada a causa.

Levanto a cabeça, olhando para Tiny, e digo:

— Podemos sufocar os rumores do nosso amor? Isso prejudica minhas chances com as damas.

— Chamá-las de “damas” também não ajuda — diz Jane para mim.

Tiny ri.

— Mas, sério — digo a ele —, eu sempre me dou mal com isso.

Tiny me olha, sério, e faz que sim com a cabeça rapidamente.

— Embora, só pra registrar — diz Gary —, você poderia ter escolhido alguém pior que Will Grayson.

— E ele escolheu — observo.

Tiny gira em uma pirueta de balé até o meio do corredor e, rindo, grita:

— Querido Mundo, eu não tenho tesão em Will Grayson. Mas, mundo, tem mais uma coisa que você deveria saber sobre Will Grayson. — E então ele começa a cantar, um barítono digno da Broadway tão grande quanto a cintura dele: — Eu não posso viver sem ele!

As pessoas riem, gritam e batem palmas à medida que Tiny continua a serenata e eu me afasto, indo pra aula de inglês. É uma longa caminhada, que fica ainda mais longa quando alguém te para e pergunta qual a sensação de ser sodomizado por Tiny Cooper, e como você consegue achar o “piruzinho gay dele” atrás daquela barriga. Respondo do mesmo modo de sempre: baixando os olhos e andando reto e rápido. Sei que estão só brincando. Sei que parte de conhecer alguém é ser mau com esse alguém ou coisa assim. Tiny tem sempre algo brilhante pra dizer, como: “Para alguém que teoricamente não me quer, você certamente passa muito tempo pensando e falando sobre o meu pênis.” Talvez isso funcione pra Tiny, mas nunca pra mim. Ficar calado funciona. Seguir as regras funciona. Assim, eu calo a boca, não dou a mínima, continuo andando, e logo já acabou.

A última vez que eu disse alguma coisa digna de nota foi quando escrevi a droga da carta ao editor sobre a droga do Tiny Cooper e a droga do seu direito de ser uma droga de estrela em nosso time de futebol horrível. Não me arrependo nem um pouco de ter escrito a carta, mas sim de ter assinado. Assiná-la foi uma clara violação da regra de ficar calado, e veja

onde isso me levou: sozinho numa tarde de terça-feira, fitando meus tênis pretos de cano longo.

Naquela noite, não muito depois de eu pedir pizza para mim e meus pais, que ficaram — como sempre — até tarde no hospital, Tiny Cooper me liga e muito, muito discreta e rapidamente, deixa escapar:

— Parece que o Neutral Milk Hotel vai se reunir em um show no Hideout, que não foi nada divulgado, e ninguém sabe, e puta merda, Grayson, puta merda!

— Puta merda! — grito. Uma coisa pode-se dizer a favor de Tiny: sempre que algo incrível acontece, ele é o primeiro a saber.

Bem, geralmente não sou dado a arroubos de entusiasmo, mas o Neutral Milk Hotel meio que mudou minha vida. Eles lançaram esse álbum absolutamente fantástico chamado *In the Aeroplane Over the Sea* em 1998 e, desde então, ninguém ouviu mais falar deles, supostamente porque o líder da banda vive numa caverna na Nova Zelândia. Mas, de qualquer forma, ele é um gênio.

— Quando?

— Não sei. Só ouvi falar. Vou ligar pra Jane também. Ela gosta deles quase tanto quanto você. Ok, então. Vamos para o Hideout agora.

— Estou literalmente a caminho — respondo, abrindo a porta da garagem.

Ligo pra minha mãe do carro. Digo que o Neutral Milk Hotel está tocando no Hideout e ela diz: “Quem? O quê?”

Você está indo pra um hotel?” E então cantarolo alguns acordes de uma canção deles e mamãe diz: “Ah, eu conheço essa música. Tá naquela playlist que você fez pra mim”, e eu digo: “Isso mesmo” e ela diz: “Bem, você tem que estar de volta às 11”, e eu digo: “Mãe, isto é um evento histórico. A história não funciona com toque de recolher”, e ela diz: “De volta às 11”, e eu digo: “Está bem. Meu Deus”, e então ela tem de ir extrair o câncer de alguém.

Tiny Cooper mora numa mansão com os pais mais ricos do mundo. Não creio que o pai ou a mãe dele tenham emprego, mas eles são tão revoltantemente ricos que Tiny Cooper nem mesmo mora *na* mansão; ele mora na *casa de hóspede* da mansão, sozinho. Ele tem três quartos naquela porra e uma geladeira que sempre tem cerveja, e os pais nunca o incomodam, então podemos ficar lá o dia todo e jogar futebol no videogame e beber Miller Lite, exceto pelo fato de que Tiny odeia videogame e eu odeio cerveja, então, praticamente tudo que fazemos é jogar dardos (ele tem um alvo), ouvir música e conversar e estudar. Acabo de começar a dizer o *T* de Tiny quando ele sai correndo do quarto, com um mocassim de couro preto num pé e o outro na mão, gritando:

— Vamos, Grayson, anda, anda.

E tudo corre perfeitamente bem no caminho até lá. O trânsito não está muito ruim na Sheridan, e eu faço a curva como se estivesse na Fórmula Indy 500, e estamos ouvindo a minha canção favorita do NMH, “Holland, 1945”, e então pegamos a Lake Shore Drive, com as ondas do lago Michigan batendo nas rochas perto da estrada, as janelas ligeiramente abertas para fazer o carro descongelar, o ar frio, sujo e estimulante entrando,

e eu adoro os cheiros de Chicago — Chicago é água salobra do lago e fuligem e suor e graxa, e eu amo isso, e amo essa música, e Tiny está dizendo *Eu amo essa música*, e ele está com o para-sol abaixado pra arrumar o cabelo com um pouco mais de cuidado. Isso me faz pensar que o Neutral Milk Hotel vai *me ver* com quase tanta certeza quanto eu vou vê-los, então faço uma rápida inspeção em mim mesmo no retrovisor. Meu rosto parece quadrado demais e meus olhos grandes demais, como se eu estivesse eternamente surpreso, mas não tem nada errado em mim que eu possa consertar.

O Hideout é um bar feito de tábuas de madeira que fica aninhado entre uma fábrica e um prédio do Departamento de Transportes. Não há nada de chique nele, mas já tem uma fila na porta, embora sejam apenas sete horas. Assim, fico esperando com Tiny por um tempo até Gary e Jane Possivelmente Gay chegarem.

Debaixo do casaco aberto, Jane está usando uma camiseta com decote em V com “Neutral Milk Hotel” rabiscados à mão. Jane surgiu na vida de Tiny mais ou menos na mesma época em que saí, então, na verdade, não nos conhecemos muito bem. Ainda assim, eu diria que atualmente ela é minha quarta melhor amiga, e parece que tem bom gosto musical.

Esperando do lado de fora do Hideout num frio de enrugar a cara, ela diz oi sem olhar pra mim, e eu digo oi de volta, e então ela diz:

— Essa banda é tããã maravilhosa.

E eu digo:

— Eu sei.

Essa é possivelmente a conversa mais longa que já tive com Jane. Chuto o cascalho por um tempo e observo uma mininuvem de poeira envolver meu pé, então digo à Jane o quanto gosto de “Holland, 1945”, e ela diz:

— Gosto das coisas menos acessíveis deles. As polifônicas, barulhentas.

Eu me limito a concordar com a cabeça, na esperança de que pareça que sei o que *polifônico* significa.

Uma coisa sobre Tiny Cooper é que não se pode cochichar no ouvido dele, mesmo que você seja razoavelmente alto como eu, porque o filho da puta tem 1,98 metro; então você tem de dar um tapinha no ombro gigante dele e aí fazer meio que um sinal com a cabeça, avisando que você quer falar no ouvido dele, aí ele se inclina e você pergunta: “Ei, a Jane faz parte do lado gay ou hétero da Aliança Gay-Hétero?”

Então Tiny se abaixa até meu ouvido e cochicha de volta:

— Não sei. Acho que no primeiro ano ela teve um namorado.

Lembro a ele que Tiny Cooper teve umas 11.542 namoradas no primeiro ano, e então Tiny soca o meu braço de um jeito que ele acha que é de brincadeira, mas que, na verdade, causa um dano permanente ao sistema nervoso.

Gary está esfregando os braços de Jane para mantê-la aquecida quando *finalmente* a fila começa a andar. Então, uns cinco segundos depois, vemos um garoto parecendo inconsolável, e ele é precisamente o tipo de cara pequeno-louro-bronzeado que agrada Tiny Cooper, e então Tiny pergunta:

— O que houve?

E o garoto responde:
— É só para maiores de 21 anos.
— Você — digo a Tiny, gaguejando. — Seu baitola —
Ainda não sei o que isso significa, mas parece adequado.
Ele franze os lábios e a testa. Então se vira para Jane:
— Você tem identidade falsa?
Jane assente, e Gary logo acrescenta:
— Eu também.
E eu estou flexionando os punhos, com o maxilar travado
e só quero gritar, mas, em vez disso, digo:
— Tudo bem. Estou indo pra casa. — Porque *eu* não te-
nho uma identidade falsa.
Mas Tiny diz muito rápido e muito baixo:
— Gary, me dê o soco mais forte que você puder quando
eu estiver mostrando minha identidade, e então, Grayson,
você simplesmente passa atrás de mim, como se fizesse parte
do grupo. — Então ninguém diz nada por algum tempo até
Gary dizer alto demais:
— Hã, eu não sei dar um *soco* de verdade.
Estamos nos aproximando do segurança, que tem uma
tatuagem enorme na careca, e então Tiny apenas murmura:
— Sabe, sim. É só me bater com força.
Fico um pouco para trás, observando. Jane entrega a iden-
tidade dela para o segurança. Ele ilumina o documento com
uma lanterna, levanta os olhos pra Jane e o devolve. Então
chega a vez de Tiny. Inspiro uma série de vezes muito rapi-
damente, pois li certa vez que as pessoas com muito oxigênio
no sangue parecem mais calmas, e então vejo Gary ficar na
ponta dos pés, levar o braço pra trás e acertar Tiny no olho

direito. A cabeça de Tiny vira pra trás, e Gary grita: “Ah, meu Deus, *ai ai*, que merda, a minha mão”, e o segurança dá um pulo pra agarrar Gary, e então Tiny Cooper vira o corpo pra bloquear a visão do segurança de mim, e, quando ele faz isso, entro no bar como se Tiny fosse minha porta giratória.

Uma vez lá dentro, olho pra trás e vejo o segurança agarrando Gary pelos ombros, que faz uma careta enquanto olha para a própria mão. Tiny então põe a mão no segurança e diz:

— Cara, a gente só estava de sacanagem. Mas essa foi boa, Dwight.

Levo um minuto pra deduzir que Gary é Dwight. Ou que Dwight é Gary.

O segurança diz:

— Ele te acertou na porra do olho.

E Tiny responde:

— Eu devia uma a ele. — E, em seguida, explica ao segurança que tanto ele quanto Gary/Dwight são membros do time de futebol da DePaul University, e que mais cedo, na sala de musculação, Tiny tinha dado um furo ou algo assim. O segurança diz que ele jogava na linha ofensiva no ensino médio, e, de repente, eles estão no maior papo enquanto o segurança olha a identidade extraordinariamente falsa de Gary, e então estamos todos os quatro dentro do Hideout, sozinhos com o Neutral Milk Hotel e uma centena de estranhos.

O mar de gente cercando o bar se abre, e Tiny compra duas cervejas e me oferece uma. Recuso.

— Por que Dwight? — pergunto.

E Tiny responde:

— Na identidade, ele é Dwight David Eisenhower IV.

E eu digo:
— Aliás, onde todo mundo conseguiu uma porra de uma identidade falsa?

E Tiny responde:

— Tem lugares pra isso.

Decido que vou conseguir uma.

Então digo: “Na verdade, vou tomar uma cerveja”, principalmente porque quero ter alguma coisa na mão. Tiny me entrega a que ele já começara a beber, e eu me aproximo do palco sem Tiny, sem Gary e sem Jane Possivelmente Gay. Somos somente eu e o palco, erguido a apenas uns 60 centímetros, de modo que, se o líder do Neutral Milk Hotel for particularmente baixo — tipo, se tiver uns 1,20 metro —, logo estarei olhando direto nos olhos dele. Outras pessoas se aproximam do palco, e não demora pro lugar ficar lotado. Já estive aqui antes para shows de classificação livre, mas nunca foi assim — a cerveja na qual não dei nenhum gole e nem pretendo dar está suando na minha mão, há estranhos com muitos piercings e tatuagens à minha volta. Cada alma ali no Hideout agora é mais maneira que qualquer um do Grupo de Amigos. Essas pessoas não acham que tem alguma coisa errada comigo — elas nem mesmo me *notam*. Presumem que eu seja um deles, o que parece o verdadeiro ápice de minha carreira no ensino médio. Aqui estou eu, numa noite de maiores de 21, no melhor bar da segunda cidade dos Estados Unidos, me preparando para estar entre as duzentas pessoas que verão o show de retorno da maior banda desconhecida da última década.

Os tais quatro caras surgem no palco, e, embora eles não tenham a menor semelhança com os membros do Neutral Milk Hotel, digo a mim mesmo que, não importa, só vi mesmo fotos deles na internet. Mas então eles começam a tocar. Não sei bem como descrever a música dessa banda, a não ser dizendo que o som deles parece o de cem mil doninhas sendo jogadas em um oceano fervendo. E então o cara começa a cantar:

Ela me amava, yeah
Mas agora me detesta
Ela transava comigo, mermão
Mas agora namora
Outros caras
Outros caras

Exceto por uma lobotomia pré-frontal, não existe absolutamente a menor chance de que o líder do Neutral Milk Hotel *pensasse*, quanto mais *escrevesse*, quanto mais *cantasse* uma letra dessas. E então me dou conta: esperei lá fora, na rua fria e mal iluminada, no meio da fumaça dos carros, e causei uma possível fratura na mão de Gary pra ouvir uma banda que, evidentemente, *não é* o Neutral Milk Hotel. E, embora ele não esteja em lugar algum no meio da multidão de fãs calados e atordoados do NMH que me cerca, grito imediatamente: “Maldito Tiny Cooper!”

No fim da música, minhas suspeitas são confirmadas quando o líder da banda diz, sendo acolhido por um absoluto silêncio:

— Obrigado! Muito obrigado. O NMH não pôde vir, mas nós somos o Ashland Avenue, e estamos aqui pra fazer rock!

Não, penso. Vocês são o Ashland Avenue e estão aqui pra fazer merda! Alguém bate no meu ombro e eu me viro e dou de cara com uma garota de vinte e poucos anos indescritivelmente bonita com um piercing nos lábios, cabelos vermelho-fogo e botas até a panturrilha. Ela diz, em tom interrogativo:

— Pensamos que fosse o Neutral Milk Hotel tocando.

E eu baixo os olhos:

— Eu... — gaguejo um instante, e então completo: — também. Também estou aqui por causa deles.

A garota se inclina até o meu ouvido e grita acima da atonal e arrítmica afronta à decência que é o Ashland Avenue:

— O Ashland Avenue não é o Neutral Milk Hotel.

Alguma coisa na lotação do salão, ou a estranheza da estranha, me deixa falante, e eu grito de volta:

— O Ashland Avenue é o que eles tocam pros terroristas pra fazer os caras falarem.

A garota sorri, e só então percebo que ela tem consciência da diferença de idade. Ela me pergunta em que escola estudo, e eu respondo “Evanston”, e ela pergunta:

— Ensino *médio*?

E eu digo:

— Sim, mas não conta pro cara do bar.

E ela retruca:

— Agora eu me sinto uma pervertida de verdade.

E eu pergunto:

— Por quê?

E ela apenas dá uma risada. Sei que a garota não está a fim de mim, mas ainda assim me sinto ligeiramente como um pegador.

E então essa mão imensa pousa no meu ombro, eu olho e vejo o anel de formatura que ele usa no dedo mindinho desde o oitavo ano e sei imediatamente que é Tiny. E pensar que alguns idiotas afirmam que os gays têm bom gosto.

Eu me viro e vejo que Tiny Cooper está derramando lágrimas imensas. Uma delas poderia afogar um gatinho. E eu pergunto só com o movimento dos lábios O QUE ACONTECEU porque o Ashland Avenue está tocando aquela merda alto demais pra que ele me ouça, e Tiny Cooper simplesmente me entrega seu telefone e se afasta. A tela mostra o mural do Facebook de Tiny, exibindo uma atualização de status.

Zach qnto mais eu penso nisso mais penso q estraguei uma grande amizade? mas ainda acho q tiny é incrível.

Abro caminho em meio às pessoas até Tiny, puxo seu ombro e grito em seu ouvido: “ISSO É MUITO RUIM, PORRA”, e Tiny grita de volta: “FUI DISPENSADO COM UMA ATUALIZAÇÃO DE STATUS”, e eu respondo: “É, PERCEBI. SABE, ELE PODIA TER PELO MENOS MANDADO UMA MENSAGEM DE TEXTO. OU UM E-MAIL. OU ENVIADO UM POMBO.”

“O QUE VOU FAZER?”, berra Tiny no meu ouvido, e eu tenho vontade de dizer: “Espero que procurar um cara que saiba que *incrível* não se escreve com k”, mas apenas dou

de ombros, bato de leve nas costas dele e o levo pra longe do Ashland Avenue na direção do bar.

O que acaba vindo a ser um erro. Quando já estamos quase no bar, vejo Jane Possivelmente Gay perto de uma mesa alta. Ela me diz que Gary foi embora, revoltado.

— Foi um golpe publicitário do Ashland Avenue, ao que parece — conta ela.

Eu digo:

— Mas fã algum do NMH *já* ouviria essa porcaria.

Então Jane levanta a cabeça e me olha, arregalando os olhos e fazendo biquinho, e diz:

— Meu irmão é o guitarrista.

Me sentindo um completo babaca, respondo:

— Ah, foi mal, cara.

E ela completa:

— Meu Deus, tô brincando. Se fosse, eu deserdaria.

Em algum momento de nossa conversa de quatro segundos, consegui perder Tiny totalmente, o que não é uma tarefa nada fácil, então conto a Jane sobre o grande fora de Tiny no Facebook, e ela ainda está rindo quando ele aparece em nossa mesa com uma bandeja redonda contendo seis doses de um líquido esverdeado.

— Eu não bebo — lembro a Tiny, e ele faz que sim com a cabeça. Empurra uma dose pra Jane, que se limita a fazer que não com a cabeça.

Tiny toma uma dose, faz uma careta e solta o ar.

— Tem gosto do pau do demo — diz Tiny, e então empurra outra dose em minha direção.

— Parece delicioso — falo —, mas eu passo.

— Como ele pode simplesmente — berra Tiny, e então toma outra dose — me dar o fora — mais uma dose — no seu STATUS depois de eu dizer que o AMO — mais outra. — O que está acontecendo com esse mundo maldito? — Outra. — Eu o amo mesmo, Grayson. Sei que você acha que sou ridículo, mas soube que o amava no momento em que nos beijamos. Porra. O que eu vou *fazer*? — E então ele abafa um soluço com a última dose.

Jane puxa a manga da minha camisa e se inclina pra mim. Dá pra sentir seu hálito quente no meu pescoço quando ela diz:

— Vamos ter um grande problema quando ele começar a sentir o efeito dessas doses.

Concluo que Jane tem razão, e, seja como for, o Ashland Avenue é terrível, então precisamos ir embora do Hideout o mais rápido possível.

Eu me viro pra dizer a Tiny que é hora de ir, mas ele desapareceu. Olho de volta pra Jane, que está olhando na direção do bar com uma expressão de profunda preocupação. Logo depois, Tiny Cooper volta. Só duas doses dessa vez, graças a Deus.

— Bebe comigo — diz ele, e faço que não com a cabeça, mas então Jane me cutuca nas costas e percebo que preciso tomar uma no lugar de Tiny. Enfio a mão no bolso e entrego as chaves do carro a Jane. A única forma segura de evitar que ele tome o restante da bebida verde-plutônio é eu mesmo engolindo uma dose. Então pego o copo, e Tiny diz:

— Ah, foda-se ele, então, Grayson. Fodam-se todos.

E eu digo:

— Vou beber a isso. — E é o que faço; então aquilo encosta na minha língua e é como um coquetel Molotov em

chamas; com copo e tudo. Involuntariamente cuspo a dose inteira na camisa de Tiny Cooper.

— Um Jackson Pollock monocromático — diz Jane; então, dirigindo-se a Tiny: — Temos que sumir daqui. Essa banda é como um tratamento de canal *sem* anestesia.

Jane e eu saímos juntos, imaginando (corretamente, como podemos perceber) que Tiny, vestindo minha dose de precipitação radioativa, vai nos seguir. Como fracassei ao ingerir as duas bebidas alcoólicas que Tiny me deu, Jane joga a chave de volta para mim em um arco bem alto. Eu a apanho e me sento ao volante depois que ela entra no banco de trás. Tiny tomba no banco do carona. Dou a partida no carro, e meu encontro com a imensa decepção auditiva chega ao fim. Mas eu mal penso sobre isso no caminho de casa, porque Tiny não para de falar sobre Zach. Tiny tem essa coisa: os problemas dele são tão enormes que os nossos podem se esconder atrás deles.

— Como uma pessoa pode estar *tão errada* em relação a uma coisa? — pergunta Tiny acima dos guinchos barulhentos da música do NMH favorita de Jane (e a minha menos favorita). Estou passando pela Lake Shore e dá pra ouvir Jane cantando no banco traseiro, um pouco desafinada, mas melhor do que eu faria se cantasse na frente de outras pessoas, o que não faço em razão da Lei da Boca Fechada. E Tiny está dizendo:

— Se você não pode confiar nos próprios instintos, então vai confiar em quê?

E retruco:

— Você pode confiar na ideia de que gostar de alguém, como regra, acaba mal.

O que é verdade. Gostar não leva ao sofrimento de vez em quando. Leva sempre.

— Meu *coração* está partido — diz Tiny, como se isso nunca tivesse acontecido com ele, como se nunca tivesse acontecido com ninguém. E talvez seja esse o problema: talvez cada novo rompimento pareça a Tiny tão radicalmente novo que, de certa maneira, não tenha *mesmo* acontecido antes. — E cê num tá ajudando — acrescenta, e é quando percebo que está arrastando as palavras.

Dez minutos pra chegar à casa dele, se não pegarmos trânsito, e então direto pra cama.

Mas não consigo dirigir tão rápido quanto o estado de Tiny deteriora. Quando saio da Lake Shore — e ainda faltam seis minutos —, ele já está arrastando as palavras e berrando, falando sem parar sobre o Facebook e a morte da sociedade educada, e coisas assim. Jane, com as mãos cujas unhas estão pintadas de preto, massageia os ombros elefânticos de Tiny, mas parece que ele não consegue parar de chorar, e vou perdendo todos os sinais verdes à medida que a Sheridan lentamente se desenrola à nossa frente, e as lágrimas se misturam à meleca até que a camiseta de Tiny nada mais é que um pano de chão.

— Quanto falta? — pergunta Jane.

E eu respondo:

— Ele mora numa rua que sai da Central.

E ela retruca:

— Meu Deus. Fique calmo, Tiny. Você só precisa dormir, baby. Amanhã tudo vai parecer um pouco melhor.

Por fim, viro na passagem e desvio dos buracos até parar atrás da casa de Tiny. Salto do carro e empurro meu banco

pra frente pra que Jane possa sair por trás de mim. Então damos a volta até o banco do carona. Jane abre a porta, se debruça sobre Tiny, consegue, por um milagre de destreza, abrir o cinto de segurança dele, e então diz:

— Muito bem, Tiny. Hora de ir pra cama.

E Tiny responde:

— Eu sou um idiota. — E então dá um soluço que provavelmente é registrado na escala Richter, no Kansas. Mas ele se levanta e vai cambaleando até a porta dos fundos. Eu o sigo, só pra ter certeza de que ele vai pra cama sem problemas, o que acaba sendo uma boa ideia, porque ele não vai pra cama sem problemas.

Em vez disso, a uns três passos de chegar à sala, ele para subitamente. Dá meia-volta e me olha, estreitando os olhos, como se nunca tivesse me visto antes e não conseguisse deduzir o porquê de eu estar na casa dele. Então tira a camisa. Ainda está me olhando em dúvida quando, parecendo totalmente sóbrio, diz:

— Grayson, alguma coisa precisa acontecer.

— Há?

E Tiny completa:

— Porque se não, como vai ser se acabarmos como todo mundo lá no Hideout?

E eu estou prestes a dizer *há* de novo, porque todas aquelas pessoas eram muito mais legais que nossos colegas da escola e também muito mais legais que nós, mas aí percebo o que ele quer dizer. Ele quer dizer: e se nos tornarmos adultos à espera de uma banda que nunca vai voltar? Percebo Tiny me olhando sem expressão, oscilando pra frente e pra trás, como um arranha-céu ao vento. E então ele cai de cara no chão.

— Ai ai — diz Jane atrás de mim, e só então percebo que ela está ali.

Tiny, com o rosto enterrado no tapete, começa a chorar de novo. Fico olhando pra Jane por um bom tempo e lentamente um sorriso aparece no rosto dela. Seu rosto muda completamente quando ela sorri — o sorriso faz erguer as sobrancelhas, mostrando os dentes perfeitos e franzindo os olhos, que nunca vi ou nunca percebi. Ela fica bonita tão de repente que é quase como um passe de mágica — mas não que eu a deseje ou algo assim. Não quero parecer um babaca, mas Jane não faz o meu tipo. O cabelo dela é meio que desastrosamente enrolado e ela está quase sempre na companhia de garotos. Meu tipo é um pouco mais feminino. E, sinceramente, eu nem gosto tanto assim do meu tipo de garota, quanto mais de outros tipos. Não que eu seja assexuado — só acho insuportável o gênero Drama Romântico.

— Vamos colocá-lo na cama — diz, por fim. — Não podemos deixar que os pais dele o encontrem assim de manhã.

Eu me ajoelho e falo para Tiny se levantar, mas ele continua chorando sem parar, então, finalmente, Jane e eu nos posicionamos do lado esquerdo dele e o viramos de costas. Pulo por cima dele, e então me abaixo, segurando-o com firmeza pela axila. Jane faz o mesmo do outro lado.

“Um”, diz Jane, e eu digo: “Dois”, e ela diz: “Três”, e geme. Mas nada acontece. Jane é pequena — dá pra ver como o braço dela afina quando ela flexiona os músculos. E eu tampouco consigo levantar minha metade de Tiny, então decidimos deixá-lo ali mesmo. Quando Jane coloca um cobertor em cima dele e um travesseiro debaixo da cabeça, Tiny já está roncando.

Estamos prestes a ir embora quando toda a produção de meleca de Tiny finalmente vai de encontro a ele e começam uns barulhos horríveis, que parecem roncoss, só que mais sinistros, e também mais molhados. Eu me abaixo, me aproximando do rosto dele, e vejo que está inspirando e expirando uns fios borbulhantes e nojentos de meleca, dos últimos estertores de sua choradeira. Tem tamanha quantidade daquela coisa que fico com medo de que ele se engasgue.

— Tiny! — chamo. — Você precisa tirar essa meleca do nariz, cara. — Mas ele nem se mexe. Então me aproximo de seu ouvido e grito: — Tiny!

Nada. Jane dá um tapa na cara dele, com muita força. Niente. Só o horrível ronco do tipo se afogando em meleca.

E é aí que me dou conta de que Tiny Cooper não pode meter o dedo para limpar o próprio nariz, contrariando a segunda parte do teorema de meu pai. E, logo depois, sob o olhar atento de Jane, invalido inteiramente o teorema quando estendo a mão e livo as vias aéreas de Tiny da meleca. Resumindo: eu não posso escolher a dedo meu amigo; ele não pode meter o dedo pra limpar o próprio nariz; e eu posso — não, eu *tenho* de — meter o dedo por ele.